

Filomena Vieira Angélico

NUNCA TE ESQUECEREI

A vida de Angélico Vieira
contada pela sua mãe

**LIVROS
D'HOJE**

*Em memória do meu filho,
Sandro Milton Vieira Angélico
(Lisboa, 31.12.1982 – Porto, 28.06.2011)*

ÍNDICE

| | |
|-----|----------------------|
| 23 | A Infância |
| 35 | A Adolescência |
| 41 | Os Amigos |
| 59 | As Namoradas |
| 73 | Sozinho em Alcochete |
| 77 | Os Sonhos |
| 85 | As Traquinices |
| 89 | As Partidas |
| 93 | Os Cães |
| 99 | Um Filho de Ouro |
| 105 | A Carreira |
| 151 | Brasil |
| 157 | Os Fãs |
| 165 | O Futuro |
| 169 | Nunca Te Esquecerei |

AGRADECIMENTOS

Agradeço, do fundo do coração, à Rita Pereira, ao Paulo Vintém, ao Vítor Fonseca, ao Edmundo Vieira, à Rita Ferreira (Ritaza), ao Filipe Terruta, ao José Eduardo Moniz, à Filipa Ramires, ao Hugo Sousa, à Naide Gomes, à Maria Carolina Coelho, à Fátima Andrade, à minha sobrinha Nádia Vieira, ao Alex Pinto, ao Abel Xavier, ao Eduardo Beauté, ao Paulo Fonseca, à Cristina Paiva, ao Nuno Meireles e ao Adriano Castro pela generosidade com que colaboraram neste livro, dando os depoimentos sobre o meu filho que aqui publico, e pela forma incansável como incentivaram este projeto com que quis homenagear a sua memória.

A todos os amigos e, em especial, à Farol Música, o meu obrigada pelas fotografias que nos cederam para aqui ilustrarmos a vida do Angélico.

À Maria João Costa, a editora com quem iniciei este livro e que até à sua mudança para o Brasil, e mesmo a partir do Rio de Janeiro, acompanhou o meu trabalho e me apoiou com os seus sábios conselhos, e a toda a equipa da Livros d'Hoje.

À minha família e muito especialmente ao meu marido, António Milton (Tomito), aos meus amigos e a todas

as pessoas que, ao longo de 28 anos, conheceram o meu filho e o amaram.

Não posso terminar sem uma palavra muito especial para os milhares de fãs do Sandro, que o conheceram como Angélico, e que o amaram e lhe proporcionaram o sucesso e a grande realização profissional que alcançou na sua – infelizmente! – curta carreira.

A todos o meu muito, muito obrigada.

O quanto gosto de ti, meu baby!

Recordo, em especial, como em toda a minha vida me surpreendeste.

Como me deste os melhores momentos que vivi com amor, carinho, proteção, convívio, sorrisos... Como me fizeste chorar de alegria com as tuas melodias...

Até que chegou o dia em que fechaste os olhos e apagaste a minha luz.

Mesmo que não queira, não consigo deixar de pensar quando chegará o dia em que te irei reencontrar.

Olho para a minha vida e tento acelerar para que o teu objetivo consiga ser alcançado, em colaboração com todos aqueles que abriram os seus corações, a fim de partilhar e concluir o teu sonho.

Mãe

28.07.2011

Não conseguia acreditar no que estava a ver!

Tudo me parecia irreal. Um sonho.

O Sandro acabava de entrar em palco e cantava com os D'zrt.

Foi em Loures, lembro-me muito bem, e estava a equipa toda dos *Morangos com Açúcar*. A plateia estava cheia de fãs, aos gritos, em delírio.

Era o primeiro concerto dele a que eu assistia. Ao vê-lo ali, tão feliz, perante um público tão entusiasmado, pensei na maneira com as coisas se transformam e projetam repentinamente...

Lembrei-me dos sonhos do meu filho e de como estava a conseguir alcançá-los. Foi uma emoção enorme!

Tive de sair. Fui chorar para os camarins e nem assisti ao concerto. Naqueles momentos, sozinha, a chorar de alegria, recordei tanta coisa...

Aquele era o meu menino, um ser que eu tinha trazido ao mundo e a quem tinha ajudado a crescer.

Agora estava um homem e pisava um palco!

Não há palavras que possam descrever o que senti...

INTRODUÇÃO

Se fosse uma menina, ter-se-ia chamado Liliana. Como era rapaz, escolhemos Sandro Milton. Sandro, porque era um nome italiano de que eu gostava muito e Milton, porque é esse o segundo nome do meu marido, António Milton (embora toda a gente o trate pelo diminutivo Tomito).

Era o meu primeiro filho. Seria o único, embora nessa altura eu ainda não o soubesse.

Quatro anos antes, em Luanda, eu era uma estudante de 16 anos que me preparava para ser técnica de análises clínicas. Andava a pé pela cidade, despreocupada, na conversa com as colegas, os livros debaixo do braço. Em casa, como a minha mãe já tinha morrido, tratava do meu pai e dos meus irmãos, porque era a mais velha das raparigas. Um dia, à saída das aulas, o Tomito – o António Milton –, que eu só conhecia de vista, porque ele passava por ali todos os dias, parou o carro para me oferecer boleia, a mim e a uma colega. Comecei por recusar, mas ele insistiu tanto que acabámos por aceitar. Quando me deixou em casa, disse:

– Se me deixar, passo a ser o seu motorista, trago-a a casa todos os dias.

– Muito obrigada, mas não é preciso. Eu gosto muito de andar a pé!

Mas o Tomito não estava disposto a desistir e começou a aparecer muitas vezes à porta do hospital, à hora a que eu saía das aulas. E, daí a uns tempos, começámos a namorar. Não foi nada fácil! Quando o apresentei à família, o meu pai e os meus irmãos ficaram muito contrariados, devido à nossa diferença de idades, eu tinha 16 anos e o Tomito já tinha 28, era um homem experiente.

– Vai andar a brincar contigo uns tempos e, depois, larga-te – diziam-me.

Namorámos quatro anos, com muitas discussões e muitas interrupções, porque o Tomito nem sempre andava na linha e, nessas alturas, eu zangava-me e acabava a relação. Até que fiquei grávida, mas nem me passou tal coisa pela cabeça. Ele é que percebeu os sintomas e começou a dizer-me:

– Estás à espera de bebé, Mena!

E quando tivemos a certeza, casámos de imediato. A gravidez ainda estava no início.

O Sandro nasceu às zero horas e cinco minutos, do dia 1 de janeiro de 1983, na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa. De facto, foi o primeiro bebé desse ano, mas, logo a seguir a ele, nasceu uma menina de uma família muito pobre. Como a maternidade apoiava, dando enxoval e creio que algum dinheiro à primeira criança a nascer em cada ano, eu pedi que o registassem ainda a 31 de dezembro de 1982. Não precisava do prémio que a maternidade oferecia e não era capaz de o aceitar sabendo que fazia falta àquela menina e à sua família.

Eu tinha chegado a Lisboa sozinha, dois dias antes, vinda de Luanda, já com mais de nove meses de gestação. A minha mãe morreu de parto quando o Nelson, o mais novo dos meus irmãos nasceu, e eu, quando soube que estava grávida, fiquei com medo de ter o bebé em Angola, onde a assistência médica continuava a ser muito deficiente. Por isso, decidimos que eu vinha ter a criança a Lisboa.

A viagem de avião correu muito bem para mim, mas, por causa da altitude, o bebé deu várias voltas e sentiu-se mal sem que eu tenha percebido, ficando com o cordão umbilical enrolado à volta do pescoço. Apesar de ter nascido de parto normal, vinha muito aflito e estive bastante tempo, cerca de cinco minutos, creio, até conseguirem que desse o primeiro grito. Estava todo roxo. Só depois me explicaram que eu não devia ter viajado numa fase tão adiantada da gravidez.

Pouco tempo depois, trouxeram-me dois bebés e perguntaram-me:

– Qual é o seu?

Disse imediatamente:

– É este! – Era a primeira vez que o via, mas tinha a certeza de qual dos dois era o meu filho. Intuição de mãe!

– Mas como é possível? Este bebé é branco!

Respondi:

– Nós, os mistos, temos de tudo: bebés brancos, negros, mistos... Este é o meu!

Era igual ao Tomito.

Devido à inexperiência dos médicos que me assistiram durante o parto, quando me coseram, esqueceram-se de retirar umas compressas, o que provocou uma infeção que me obrigou a ficar mais tempo internada. Por causa

disso, nunca mais engravidei. O Tomito sempre teve negócios próprios e, nesse tempo, tinha uma empresa de camionagem em Angola. Para ele, vir viver para Lisboa era impossível. Passava algumas temporadas connosco em Portugal, mas estava a maior parte do tempo em Angola e eu achava que, por isso, seria mais difícil engravidar.

O Sandro também nunca manifestou a vontade de ter irmãos porque nunca viveu sozinho. O meu irmão Nelson, que só tinha mais sete anos do que ele, viveu sempre connosco. Quatro anos depois, fui buscar o meu irmão Paulo, que era o outro logo a seguir, porque estava quase com 18 anos e eu não queria que ele fizesse o serviço militar. Por isso, ele cresceu com os dois tios em casa, que eram mais dois irmãos mais velhos do que dois tios. Os meus dois irmãos só saíram de minha casa quando casaram, um com 25 anos e o outro com 27.

A cultura angolana é muito diferente da portuguesa e nós temos sempre gente em casa. Para além dos meus dois irmãos, havia sempre outros tios, primos ou amigos que eram tratados de igual forma. Há sempre um prato de comida e uma cama para quem aparecer e a pessoa fica o tempo que quiser.

Até que, um dia, achei demasiado estranho o facto de, tantos anos depois do Sandro ter nascido, não ter voltado a engravidar e fui ao médico. Só nessa altura fiquei a saber que tinha uma das trompas obstruídas em consequência das complicações pós-parto.

Quando o Sandro tinha 16 ou 17 anos, e os tios já estavam encaminhados, começou a dizer que gostava de ter um irmão. Nessa altura, decidi resolver o problema e fiz

uma operação. Tinha 38 anos quando voltei a engravidar. Uma noite, no fim do terceiro mês de gestação, senti-me muito mal e o Tomito, que por acaso estava cá, levou-me logo para hospital. Perdi o bebé. Passados dois dias, voltei a sentir a mesma coisa e fui mais uma vez ao hospital. Fiquei então a saber que eram gémeos e que o segundo bebé também tinha morrido ao fazerem a raspagem por causa do outro.

Fiquei muito triste por perder os dois fetos. Ficámos todos tristes. Especialmente o Sandro, que andava radiante com a ideia de ter um bebé em casa. Mas pensei:

– É a vontade de Deus! Há mães que têm muitos filhos e outras que, como eu, só têm um.

As pessoas diziam-me:

– Ah! Só um filho... Quem tem um não tem nada.

E eu respondia sempre:

– Pois este meu filho é só um, mas vale por dez.

E valia! A alegria dele era tal que fazia com que a casa parecesse sempre cheia.

Não vim para Lisboa com intenção de ficar. A ideia inicial era apenas que o bebé nascesse aqui. Uns tempos depois, voltaríamos para casa. Mas, dois meses depois, o Tomito ligou-me e disse que não valia a pena eu regressar, porque ele tinha de ir ao Brasil e passava por Portugal. Ficou cá seis meses e, quando voltou para Luanda, a situação estava complicada, porque havia muitas carências e os hospitais não eram bons. Resolvemos que, nos primeiros anos do Sandro era melhor continuarmos em Portugal. Tínhamos medo de uma doença e aqui havia bons pediatras e bons hospitais. Nunca foi preciso nada de

especial, porque foi sempre uma criança muito saudável. Fui duas vezes a uma urgência com ele. A primeira foi por culpa minha: eu tinha ligado um fogão elétrico só de uma boca e deixei-o ainda quente num sítio onde ele, apesar de ainda só gatinhar, conseguiu chegar. Pôs lá a mãozinha e queimou-se. A outra, já era mais velho, tinha sete ou oito anos, estava a fazer pinos em cima da cama e deslocou um braço.

Como o Tomito estava em Angola, até o Sandro ter seis anos íamos lá três ou quatro vezes por ano. Enquanto foi pequenino, gostou sempre muito de ir a Luanda, porque ia ver o pai e os tios, especialmente o meu irmão Zé Luís, de quem ele gostava muito. Aos fins de semana, íamos para o Mussulo...

Os anos foram passando e houve, até, uma altura em que ficámos seis meses em Luanda e ele foi para o infantário, mas não era aquilo que eu queria e achei que era melhor voltarmos. Aqui, ele podia ter uma educação melhor.

Quando entrou para a escola deixou de poder ir, para não faltar. Eu ia sozinha, menos vezes, e ele ficava com os meus irmãos. Mas, quando ele chegou à adolescência, eu deixei de ir. Nessa altura, o Sandro já não gostava de ir a Luanda, dizia que era muito parado, que não havia nada para fazer. Os amigos dele estavam cá e, nas férias, era com os amigos que ele queria estar. Como é uma fase perigosa nos jovens, eu não ia descansada sabendo que ele ficava cá. Por isso, também deixei de lá ir.

Mas nunca me deu preocupações, felizmente!